

## CRÍTICA LIVROS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Sobrou  
para  
2026

**S**e uma traça disser que devorou toda a quantidade de livros planejada para se banquetear durante um ano inteiro, tenha certeza: é mentira. Traças, esses leitores compulsivos, que acumulam montanhas de tsundokus, aqueles livros folheados, empilhados para uma leitura em futuro incerto e não sabido, jamais se organizam a tanto. Começam a ler um, abrem outro que chegou, pegam um terceiro – e por aí vai. Escapam do abandono parcial os que hipnotizam o leitor. Em 2026, uma das minhas metas é não comprar livros antes de ler os 87 – eu contei – que se equilibram em bancos e mesinhas de cabeceira no meu quarto.

É claro que a meta já está para ser desprezada nos próximos dias: vai sair um Camilleri inédito, “A pirâmide de lama” (Record, R\$ 69,90), o vigésimo segundo caso do Comissário Montalbano, que chega às livrarias no fim de janeiro. Até lá, há um bocado de montanhas de volumes a ser desbastado...

No prefácio de “Nós, os Caserta” (Fósforo, R\$ 68,71), da argentina Aurora Venturini, sua patricinha e romancista Claudia Piñeiro conta ter chegado à escritora “como grande parte de seus leitores, de modo tardio e entusiasmada” pela indicação da leitura. Venturini ganhou fama aos 86 anos, em 2007, ao vencer, sob pseudônimo, um concurso literário com o contundente “As primas”. Era conhecida no meio por sua literatura, mas custou a obter popularidade. “Os Caserta”, lançado em 1992, voltou a chamar atenção depois do prêmio, e conta a trajetória de uma menina superdotada, sem empatia sequer por sua família da alta burguesia local.

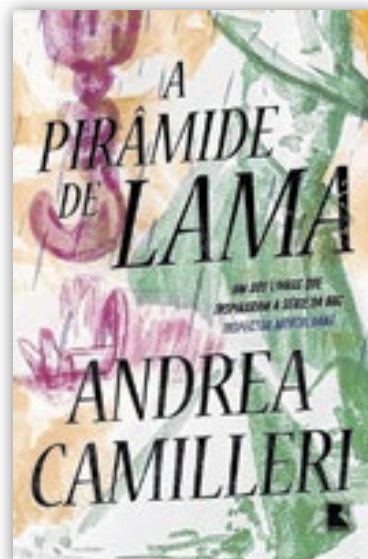
“Santos de Casa” (Bazar do Tempo, R\$ 76), de Luiz Antônio Simas, é de 2022 – mas só agora abri essa delícia. Fala dos santos mais reverenciados no Brasil, as Senhoras de Aparecida, Nazaré, Fátima, São Jorge, São Francis-



co, São Sebastião e, claro, São Longuinho, aquele que encontra objetos perdidos e obriga o distraído a dar três pulinhos pela graça alcançada. O adorável texto de Simas traz as lendas sobre os milagres dos santos, as razões para a devoção e o sincretismo com entidades das religiões de matriz africana – base da cultura brasileira.

“Vera” (Todavia, R\$ 69,90), de José Falero, se debruça sobre o cotidiano de uma empregada doméstica da periferia de Porto Alegre, nos anos 1990. Uma rotina que, aparentemente, sofreu poucas alterações e que pode ser transposta para todos os grandes centros urbanos do Brasil. Diariamente, a protagonista precisa fazer uma longa caminhada até pegar o ônibus para trabalhar. Como outras mulheres da família e da vizinhança, ela sonha com uma vida melhor para o filho, enquanto esquecem seus próprios desejos, sustentam as casas praticamente sozinhas e convivem com homens agressivos e machistas.

Para desanuviar, o divertido “Todo mundo neste trem é suspeito” (Intrínseca, 76,90), do australiano Benjamim Stevenson, traz o protagonista de seu thriller anterior, Ernest Cunningham, que escreveu um true crime sobre a própria família, sofrendo pressão da editora para produzir outro best-seller. Ao participar de uma viagem com outros escri-

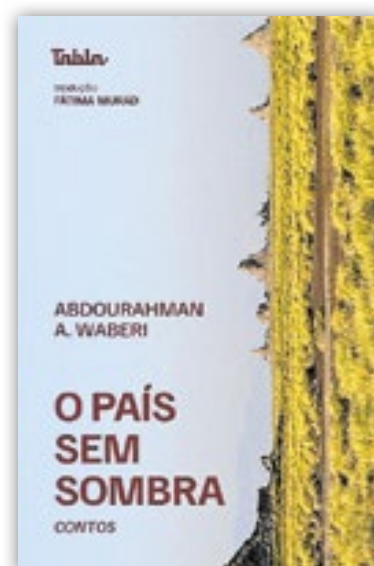


tores de suspense, de trem, pela Austrália, ele e os outros romancistas investigam o assassinato de um dos passageiros.

Verão exige leitura de muitos thrillers. “Aquele terrível confusão na Via Merulana” (Harper Collins, R\$ 69,90), único policial escrito pelo celebrado erudito Carlo Emilio Gadda, tornou-se um clássico do gênero na Itália. Publicado nos anos 1950, mas ambientado em 1930, no início do fascismo, essa sátira ao regime totalitário inovou por usar quatro dialetos – o vêneto, o de Roma, o napolitano e o abruzzese

– para caracterizar personagens diferentes, que também se destacavam pela expressão de termos da botânica, teologia, engenharia mecânica (profissão original do autor), medicina e astronomia. A série de crimes em um prédio da Via Merulana é pretexto para uma crítica afiada às convenções e censura incorporadas por uma nação multifacetada, formada por diferentes pequenas nações.

“Dança de enganos” (Companhia das Letras, R\$ 79,90) é o último livro da trilogia “O lugar mais sombrio”, de Milton Hatoun, que acompanha a trajetó-



ria sofrida do jovem Martin, nos anos 1960-70. Desta vez é a mãe do protagonista, Lina, que vai mostrar seus motivos para se distanciar do filho, no momento em que a opressão política é contestada por uma nova ordem social, rejeitando uniões formais e redimensionando os laços de família.

Um destino ainda raro em viagens turísticas, o Djibuti foi dominado pela França de meados do século XIX até 1977. Ponto de convergência entre África e Ásia no estreito que liga o Mar Vermelho ao Golfo de Áden, o país sofreu sucessivas intrusões de governos estrangeiros, cobiçando o território por sua localização estratégica, maior fonte de divisas econômicas. Nos 17 contos de “O país sem sombra” (Tabla, R\$ 67,90), Abdourahman A. Waberi, escritor nascido no Djibuti, mas hoje vivendo entre França e Estados Unidos, apresenta aspectos diversos da realidade de seu país, em textos fragmentados sobre a identidade nacional, a intensa luta pela sobrevivência, além da relação entre história, política e rica cultura local.

Um 2026 de boas leituras, de preferência, enroscados numa rede, recebendo a brisa da tarde!

Bom ano novo!